

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia**

Priscila Zanon

**O SIGNIFICADO COMO USO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE
WITTGENSTEIN**

Campo Grande - MS
2024

Priscila Zanon

**O SIGNIFICADO COMO USO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE
WITTGENSTEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para graduação no Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos

Campo Grande - MS
2024

PRISCILA ZANON

**O SIGNIFICADO COMO USO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE
WITTGENSTEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito para graduação no Curso de
Licenciatura em Filosofia da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Campo Grande, ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos (Orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Amir Abdala (Examinador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Ronaldo José Moraca (Examinador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

DEDICATÓRIA

A deus, pelo por fazer.

AGRADECIMENTOS

Os grandes momentos no caminho da vida, que assim como esse, ficam registrados nos quadros pendurados na parede, não seriam possíveis sem as companhias da travessia.

Revisitando as memórias dos anos anteriores até esse dado momento, que encerra uma fase em minha jornada, eu não poderia deixar de ser grata a todos vocês que além de caminharem comigo também viabilizam os meios para eu poder ir mais longe.

Desta forma, sou grata.

Aos meus pais, Angelo e Celia, por me nutrirem com seu amor incondicional por meio do qual me sinto segura em todo lugar que navego, confiante do meu porto.

As minhas irmãs, Aline, Natalia e Juliana, por atribuírem valor a minha existência.

A meu amigo Antônio, que talvez sem saber, no passado despertou em mim a curiosidade pela filosofia. Nossos momentos de conversas e chás foram o despertar inicial.

A minha amiga Karla, por acreditar em mim mais do que eu muitas vezes fui capaz de crer, sua amizade me acolhe e me encoraja.

Aos meus amigos, Wellington, Daniela, Paola e Davi, que por meio da filosofia tive o prazer de conhecer e que muito me incentivaram e ajudaram durante esses anos de formação. A amizade de vocês tornou esse percurso mais leve e feliz.

Ao grupo de Apoio da UFMS, por todas as reuniões que muito me auxiliaram para desfazer os monstros criados por minha mente, em especial ao Fabio, por sua escuta atenta e sensível.

Ao meu orientador professor Erickson que no início do curso despertou em mim o interesse pela área analítica da filosofia com suas aulas, além de muitas conversas generosas, indicações preciosas e orientações pacientes.

Aos professores do curso, por todo conhecimento compartilhado. Em especial, ao professor Moraca, que muito me inspirou em suas aulas, a seguir o caminho analítico da filosofia.

Por fim, sou grata ao meu amado companheiro de vida, Pedro. Um autor que compartilho com ele o “gostar muito”, certa vez escreveu, “o nosso ir faz o caminho...” e nesse ir, por meio da filosofia, eu e ele nos esbarramos, sou grata por isso e por tudo que se seguiu disso. Sem você seria possível, no entanto, difícil e menos prazeroso. Obrigada pelo amor, pelo bem e pela paz.

EPÍGRAFE

*“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”*

*“Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por fazer é só com Deus.”*

FERNANDO PESSOA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de significado na filosofia de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), concentrando-se na segunda fase de seu pensamento, desenvolvida na obra *Investigações Filosóficas* (1953). Para tanto, inicialmente, será analisada a citação de Agostinho de Hipona (353.-430 d.C.) que inaugura essa obra de Wittgenstein, pois a partir desta análise, torna-se evidente o contraste existente na compreensão do significado entre as duas fases do pensamento do autor. Avança-se, então, com a explanação da primeira fase de seu pensamento, dado que, por seu intermédio é possível compreender a mudança radical de sua concepção referente ao conceito de significado, bem como a mudança de sua abordagem para investigar esse conceito. Por fim, entende-se que essa mudança culmina na valorização da vida cotidiana, por meio da observação dos fenômenos da vida pragmática, fonte de criação dos conceitos: jogos de linguagem, regras e forma de vida. Com isso, buscamos evidenciar a relevância de tais conceitos para que o significado das expressões da linguagem adquira valor significativo, visto que, o significado dessas expressões está contido no uso que fazemos delas.

Palavras-chave: Forma de vida. Jogos de linguagem. Ludwig Wittgenstein. Regras. Significado.

ABSTRACT

This work aims to present the concept of meaning in the philosophy of Ludwig Wittgenstein (1889-1951), focusing on the second phase of his thought, developed in the work *Philosophical Investigations* (1953). To this end, the quote by Augustine of Hippo (353-430 AD) that opens this work by Wittgenstein will be analyzed initially, since from this analysis, the contrast that exists in the understanding of meaning between the two phases of the author's thought becomes evident. The first phase of his thought will then be explained, since, through it, it is possible to understand the radical change in his conception regarding the concept of meaning, as well as the change in his approach to investigating this concept. Finally, it is understood that this change culminates in the valorization of everyday life, through the observation of the phenomena of pragmatic life, the source of the creation of concepts: language games, rules and form of life. With this, we seek to highlight the relevance of such concepts so that the meaning of language expressions acquires significant value, since the meaning of these expressions is contained in the use we make of them.

Keywords: Form of life. Language games. Ludwig Wittgenstein. Rules. Meaning.

Sumário

Introdução.....	9
1 O significado em Wittgenstein.....	12
1.1 Linguagem primitiva: descrição de Agostinho como o fio condutor.....	13
1.2 O limite da nomeação de objetos.....	15
1.3 O significado como uso.....	18
2 Jogos de linguagem, regras e forma de vida.....	21
2.1 Jogos de linguagem.....	22
2.2 Regras.....	25
2.3 Forma de vida	28
Considerações finais.....	31
Referências bibliográficas.....	34

Introdução

O debate filosófico em torno da linguagem é objeto de investigação desde os primórdios da filosofia. Filósofos da antiguidade clássica, como Platão e Aristóteles, discutiram temas relacionados à linguagem. Platão em seu diálogo *Crátilo*, discute o significado do nome, isto é, o substantivo comum que denomina objetos da realidade. Aristóteles, por sua vez, em sua obra *Tratado da Interpretação*, desenvolve, sobretudo, uma exposição sobre a relação entre a linguagem e a mente (Marcondes, 2010). No entanto, a discussão aprofundada sobre a linguagem inicia-se de forma mais intensa no final do século XIX.

Dessa forma, no final do século XIX e início do XX, surge na Europa a discussão sistemática e aprofundada em torno do significado, o problema central da área que recebeu o nome de filosofia da linguagem. Conforme Alexander Miller afirma: “A filosofia da linguagem é motivada em grande parte pelo desejo de dizer algo sistemático acerca de nossa noção intuitiva de significado.” (Miller, 2010, p. 13).

Os estudos na área de filosofia da linguagem, numa versão moderna-contemporânea, foram inaugurados pela obra do matemático e filósofo alemão Gottlob Frege (1848-1925), intitulada *Sentido e Referência* (1892), na qual desenvolve os conceitos de distinção entre sentido (validação lógica) e referência (correspondência factual) (Kenny, 2014, p. 146). Além de Frege, outro matemático e filósofo contribuiu para a filosofia da linguagem, o britânico Bertrand Russell (1872-1970), disseminando sua concepção lógico-matemática mediante a publicação do seu artigo *Da denotação* (1905), no qual apresenta as descrições definidas, “expressões que destinam selecionar um objeto” (Schwartz, 2017, p. 20-1).

Russell foi professor de Wittgenstein, o filósofo que revolucionou o debate em torno do significado na filosofia da linguagem, conforme Stephen Schwartz aponta: “Se Frege é o pioneiro e Bertrand Russell o pai da filosofia analítica, os escritos de Wittgenstein constituem a espinha dorsal.” (*Idem*, p. 47). Mas quem foi e o que fez Wittgenstein ter alcançado notoriedade filosófica na discussão sobre a linguagem?

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), nasceu em Viena, Áustria, em uma família de origem judaica. Sua formação acadêmica começou na engenharia, estudando em Berlim, na Alemanha, e em Manchester, na Inglaterra. Posteriormente, mediante os estudos na engenharia, se interessou pela matemática, onde buscou conhecer seus fundamentos por meio da lógica (Marcondes, 2007,

p. 272). Nesse período foi aluno de Russell, em Cambridge, Inglaterra, sendo influenciado a desenvolver seu percurso filosófico.

A partir de sua primeira e única obra publicada em vida, *Tractatus-Logico-Philosophicus*, de 1921, Wittgenstein torna-se conhecido e fundamenta as ideias do Círculo de Viena, além de impactar todo desenvolvimento posterior da filosofia analítica, isto é, a tradição anglo-saxônica de análise formal dos problemas da filosofia. Nesta obra o filósofo pretende, conforme ele nos diz no prefácio, “traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos” (Wittgenstein, 2022, p. 125). Desse modo, a tese principal do *Tractatus* buscava entender como a linguagem e o pensamento estão relacionados, representando os fatos do mundo e encontrar o limite para a expressão do pensamento.

Com a crescente evolução das ciências e a ênfase na formalização da expressão do pensamento, se tornou imprescindível que a linguagem – o veículo de comunicação do pensamento – fosse objetiva e segura. A formalização da expressão do pensamento baseado na lógica era o objetivo, por exemplo, do Círculo de Viena. Este Círculo publicou seu manifesto sob o título *A concepção científica do mundo* (Hahn; Neurath; Carnap, 1986), na qual Wittgenstein foi a principal influência que corroborou tal concepção – ainda que não pertencesse ao grupo – ao lado do filósofo Russell e do físico Albert Einstein (1879-1955) (*Idem*, p. 20).

Desta maneira, neste período, almejava-se que as expressões da linguagem fossem unívocas, pois, por meio delas é que eram expressos os conteúdos objetivos do mundo. Não apenas isso, mas por intermédio da linguagem acreditava-se ser possível avanços no campo da epistemologia e da lógica, campos esses, fundamentais e importantes para filosofia e outras diversas áreas do conhecimento. Assim, o destaque da linguagem nos estudos filosóficos beneficiaria diversas áreas.

Em vista disso, a investigação girava em torno de conhecer a natureza da linguagem e entender sua relação com o pensamento e a realidade. Com o efervescente desenvolvimento da filosofia analítica, a investigação tinha como método a lógica para analisar a linguagem rigorosamente. Embora a obra inaugural de Wittgenstein tenha sido extremamente importante para contribuir nas discussões em torno do significado, o presente trabalho será centrado em sua obra póstuma, isto é, *Investigações Filosóficas*, publicada em 1953.

As *Investigações* são fruto de anotações ao longo dos anos 1929 a 1951, ano da morte de Wittgenstein. Contudo, o filósofo decide não concluir essa obra em vida (Carvalho, 2022, p. 357).

Após dois anos de sua morte, em 1953, essas anotações deixadas sob a custódia dos herdeiros de seu espólio são organizadas e recebem sua primeira publicação, apresentando uma noção totalmente inovadora sobre a concepção da linguagem e do significado – concepção essa, que diverge das ideias apresentadas na sua primeira obra, o *Tractatus*. A finalidade das *Investigações* consiste na busca pela compreensão do funcionamento desse instrumento, isto é, a linguagem. Além de apresentar e desenvolver conceitos importantes para compreensão da investigação do funcionamento da linguagem.

O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar a concepção de significado na segunda fase do pensamento do autor, demonstrando de que maneira essa concepção valoriza as práticas da vida cotidiana e delas extraem o significado das palavras da linguagem, visto que, para o autor, o significado encontra-se no uso das expressões no interior da linguagem. Nesse sentido, este trabalho é dividido em dois capítulos; Capítulo 1: O significado em Wittgenstein; Capítulo 2: Jogos de linguagem, regras e forma de vida.

No capítulo 1, é apresentado as duas concepções de significado no pensamento de Wittgenstein: na primeira fase, exposta na obra *Tractatus-Logico-Philosophicus*, e na segunda fase, na obra póstuma *Investigações Filosóficas*. O capítulo é dividido em três seções: 1ª) Linguagem primitiva: descrição de Agostinho como o fio condutor; 2ª) O limite da nomeação de objetos; 3ª) O significado como uso.

No capítulo 2, é apresentada a metáfora que expressa a relação entre jogos e linguagem, um dos conceitos centrais para entender a concepção de significado na segunda fase do pensamento do autor. Além de discorrer também sobre os conceitos de regras e forma de vida, que estão entrelaçados ao conceito de jogos de linguagem. Este capítulo é igualmente dividido em três seções: 1ª) jogos de linguagem; 2ª) regras; 3ª) forma de vida.

Nas considerações finais retomo qual é a concepção de significado na filosofia de Wittgenstein a partir de suas reflexões nas *Investigações Filosóficas*, segundo a exposição desenvolvida nos capítulos 1 e 2. Além disso, mediante o conceito de forma de vida, respondo à questão interrogativa levantada no início do primeiro capítulo, sobre a utilização da linguagem. A resposta aborda a perspectiva influenciada pelo Wittgenstein das *Investigações*, que defende a linguagem como uma atividade cotidiana, ao invés de um sistema fechado.

Capítulo 1: O significado em Wittgenstein

O conceito de significado é central para a filosofia da linguagem como um todo. Para Wittgenstein não deixa de ser diferente, uma vez que, por intermédio da investigação desse conceito é possível compreender os problemas que envolvem a filosofia e a busca para solucioná-los. Problemas estes, que o autor acreditava ter sua raiz na má compreensão do funcionamento da linguagem e por esse motivo causavam confusão.

O conceito de significado na filosofia de Wittgenstein é encarado de duas maneiras distintas. Cada uma a seu tempo, visto que, existe uma separação didática do pensamento do filósofo. Como suas ideias em cada uma das suas obras diferem, os comentadores cunharam seu pensamento em duas fases. A primeira, busca-se, por intermédio da lógica formal, alcançar a essência da linguagem. Enquanto a segunda, por intermédio da observação dos fenômenos cotidianos, busca-se entender o funcionamento da linguagem.

O objeto de investigação nas duas fases de seu pensamento, permanece o mesmo: a linguagem. No entanto, a abordagem e a finalidade da investigação são distintas. Ou seja, na primeira fase a abordagem se apresentava recorrendo à lógica, enquanto na segunda fase se apresenta mediante a demonstração de como operam os fenômenos na vida pragmática. A finalidade da primeira fase, por sua vez, almejava chegar até a essência da linguagem, pois, desta maneira, acreditava ser possível entender o limite da linguagem significativa. Ao passo que, na segunda fase, a busca aspira explorar como a linguagem funciona, desse modo, aprende-se a usá-la significativamente.

Neste capítulo será analisado o conceito de significado na segunda fase do pensamento do autor, desenvolvido em sua obra *Investigações Filosóficas*, percorrendo inicialmente o caminho que apresenta o fio condutor da crítica que Wittgenstein dirige para seu próprio pensamento em sua primeira fase. Por meio de uma citação de Agostinho de Hipona (353-430) no início das *Investigações*, é possível ter uma compreensão compartilhada entre os dois filósofos – Agostinho e o primeiro Wittgenstein – acerca do conceito de significado. Conforme o filósofo austríaco afirma, “Nessa imagem da linguagem, encontramos as raízes da ideia: Cada palavra tem um

significado. Esse significado está correlacionado à palavra. Ele é o objeto no lugar do qual a palavra está.” (*IF* §1).¹

A citação de Agostinho que abre o texto de Wittgenstein remete ao problema do significado e faz alusão a concepção amplamente disseminada até então, na qual se pensava o significado como único, fixo e diretamente relacionado com o objeto nomeado. Por isso, julga-se necessário, após analisar a citação, apresentar a ideia da fase inicial do autor, em que o significado era compreendido como um objeto fixo no lugar da palavra. Esse, portanto, foi o motivo da ordem cronológica do pensamento de Wittgenstein estar alterada aqui, explanando primeiro na seção 1.1 as *Investigações* e só depois na seção 1.2 o *Tractatus*.

Após a análise da citação de Agostinho na seção 1.1, tendo-a como uma pedra de toque para distinguir o pensamento inicial do pensamento final de Wittgenstein e a partida da crítica ao conceito de significado, segue uma breve explicação na seção 1.2 da teoria do significado como nomeação de objetos representando o mundo, pois, para que o significado das palavras possa ter sentido, essa relação representativa é necessária.

Por fim, na seção 1.3, é apresentada a concepção que Wittgenstein demonstra nas *Investigações*, na qual o significado não participa dessa relação mundo-objeto, com características universais e fixas, mas, antes, encontra-se no uso que realizamos da linguagem no interior das nossas práticas cotidianas, que estão inseridas em um contexto específico. Portanto, o que determina o significado das expressões da linguagem seria seu emprego dentro de uma forma de vida, que contém uma multiplicidade de formas de dizer coisas significativas com as palavras da linguagem.

1.1 Linguagem primitiva: descrição de Agostinho como o fio condutor

Wittgenstein inicia sua obra *Investigações Filosóficas* apresentando uma citação de *Confissões* (Livro I, capítulo 8), obra de Agostinho de Hipona, na qual esse narra um tipo de linguagem que Wittgenstein chama de primitiva, básica, pois descreve um sistema de entendimento mútuo, isto é, um tipo de acordo entre os participantes dessa comunicação, no qual cada palavra falada deve ser compreendida para que gere uma resposta que corrobore o funcionamento dessa linguagem para determinado fim.

¹ A obra *Investigações Filosóficas* será referenciada abreviadamente com a sigla “*IF*”, seguida respectivamente do parágrafo citado.

Após a citação de *Confissões* que abre seu texto, Wittgenstein apresenta uma linguagem que segue a descrição dada por Agostinho, solicitando a imaginação do leitor diante de uma comunicação entre um construtor **A** e seu ajudante **B**, na qual **A** pede a **B** determinados materiais de construção, então, quando **B** ouve os gritos de **A** pedindo os materiais, deve-lhe trazer esses materiais que aprendeu a identificar para cada grito.

Imaginemos uma linguagem para a qual a descrição dada por Agostinho esteja correta: A linguagem deve servir para o entendimento mútuo entre um construtor A e seu ajudante B. A está erguendo uma construção com certos materiais; estão disponíveis blocos, colunas, placas e vigas. B tem de lhe entregar os materiais exatamente na ordem em que A necessita deles. Para esse fim, eles se servem de uma linguagem que consiste das palavras: “bloco”, “coluna”, “placa”, “viga”. A grita essas palavras; – B traz o material que aprendeu a trazer para cada grito. — Conceba isso como uma linguagem primitiva completa. (*IF* §2)

Wittgenstein chama essa linguagem de primitiva porque é simples e se baseia em nomeações de objetos o que torna possível a comunicação, visto que, tanto **A** quanto **B** aprenderam a identificar o som de cada nome dado aos objetos manuseados, sendo que as frases dessa comunicação seriam as conexões realizadas entre essas nomeações de tais objetos.

No entanto, o que é chamado de linguagem vai além desse sistema de mero entendimento mútuo, uma vez que, com a linguagem não apenas é comunicado pedidos de objetos, mas também se cria conceitos e explora-se ideias. A linguagem diz respeito tanto a convenções que falam sobre o mundo factível, ou seja, como se organizar no mundo material e viver nele aplicando a linguagem como instrumento de comunicação, quanto às possibilidades que essa ferramenta realiza, sendo possível, dessa maneira, alterar o mundo material por meio dos conceitos criados que agem na mente, culminando em ações diretas na vida.

Apesar da linguagem de entendimento mútuo ser primitiva, o autor aponta a utilidade desse sistema e a qualifica como positiva, porém, somente dentro de um domínio circunscrito, ou seja, limitado. O limite se esclarece quando Wittgenstein busca explicar comparando esse sistema de entendimento com um jogo, ele diz nas *Investigações*, “É como se alguém explicasse: ‘Jogar consiste em empurrar coisas sobre uma superfície de acordo com certas regras ...’ – e nós lhe respondemos: Parece que você está pensando nos jogos de tabuleiro; mas esses não são todos os jogos.” (*IF* §3). É por meio dessa metáfora do jogo que ele desenvolverá suas explicações subsequentes e construirá toda sua teoria sobre a linguagem, que se desdobra nessa comparação do jogo com a linguagem.

Quando se aprende a jogar determinado jogo, por exemplo, de xadrez, isso não significa saber jogar um jogo de futebol. O que têm em comum nos jogos são as regras, elas são condições necessárias para a aprendizagem, nesse ponto, os jogos se assemelham entre si, pois todos eles possuem regras. Dessa forma, ao aprender as regras de um jogo, essa aprendizagem é útil e positiva somente dentro desse espaço circunscrito, ou seja, as regras do xadrez não servem para o futebol, pois as regras são limitadas a circunscrição de seu próprio jogo.

Portanto, a comunicação entre **A** e **B** só foi possível, porque os dois haviam aprendido as regras daquele jogo e as regras se davam em saber qual som nomeava determinado objeto. Contudo, uma vez que a linguagem vai além dessa mera nomeação de objetos, possibilitada pelo entendimento mútuo, visando uma finalidade limitada de comunicação, como é possível usar esse instrumento para que ele aja na vida e crie conceitos?

1.2 O limite da nomeação de objetos

O caminho tomado por Wittgenstein na busca por compreender o funcionamento da linguagem nomeando objetos para então movimentá-los nas conexões com as frases, remonta a sua ideia primária, isto é, em sua primeira fase – conforme o acordo de divisão de seu pensamento feito por grande parte dos estudiosos de sua filosofia. Embora remonte a sua primeira fase, o objetivo do autor no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921), não era estritamente buscar compreender o funcionamento da linguagem, pois ele também se preocupava em descobrir a essência da linguagem. Descobrir a essência seu funcionamento emergiria junto, pois a essência apresenta as características da linguagem e como ela poderia ou não funcionar.

Essa busca por conhecer o que há por detrás da linguagem, foi empreendida por meio da lógica formal, instrumento rigoroso para pensar corretamente e para acessar a estrutura da proposição verificando, desta maneira, sua validade ou sua falsidade. A lógica formal tem sua aplicação em conformar os signos de nossa linguagem a conceitos definidos que representam as proposições por meio de letras. Desse modo, passa a importar apenas a estrutura, isto é, a forma do enunciado e não propriamente o que é dito nele. A lógica formal também investiga a relação das proposições com os operadores lógicos: negação, disjunções e condicionantes, tornando possível, assim, que o encadeamento lógico de uma estrutura também seja verificado.

O ponto de partida da investigação no *Tractatus* é entender como se apresenta a relação da linguagem com o mundo por meio da lógica, ou seja, como acontece da linguagem estruturada

logicamente representar o mundo factual. O caminho que ele percorre busca compreender o papel do pensamento relacionado com a linguagem, dado que, o pensamento e a linguagem precisam ser isomórficos (formalmente correspondentes), para representarem o mundo. A relação consiste no pensamento figurar logicamente os fatos do mundo (*TLP* 3)², sendo ele, a proposição com sentido (*TLP* 4), e a linguagem a soma das proposições (*TLP* 4.001).

Nesse sentido, Wittgenstein defende que os objetos possuem nomes que são fixados em seus referentes como categorias inalteráveis dos fatos do mundo. Os nomes são uma projeção feita desses objetos do mundo e que refletem a essência desses referentes. O sentido de uma frase depende desses nomes para compor a proposição. Desta forma, para o autor o significado das palavras estavam associados aos nomes: “O nome significa o objeto. O objeto é seu significado. (“A” é o mesmo sinal que “A”)” (*TLP* 3.203). O sentido, por sua vez, está associado à proposição, em suas palavras, “Só a proposição tem sentido; é só no contexto da proposição que um nome tem significado” (*TLP* 3.3).

Para a proposição ter sentido ela precisava descrever de modo verdadeiro ou falso um fato no mundo real, assim sendo, se a proposição descreve algo que não é possível confirmar ou refutar, ela não diz nada necessariamente, pois não há nenhuma imagem do real que a comprove ou a negue. Seguindo por esse emprego das proposições, exemplos de proposições sem sentido são aquelas que dizem respeito ao campo da ética e da metafísica, pelo fato de estarem em uma esfera impossibilitada de verificação.

Quando se diz algo sobre a bondade de Deus, por exemplo, é impossível que essa linguagem revele alguma relação com os fatos do mundo, uma vez que, bondade é um conceito ético e Deus uma entidade metafísica. Conforme Danilo Marcondes afirma: “As proposições da filosofia tradicional, da metafísica especulativa, são na verdade pseudoproposições, que violam as regras da sintaxe lógica e nada dizem sobre o real, nem sequer sobre a sua estrutura.” (Marcondes, 2007, p. 274). Sendo assim, os nomes que fazem parte de proposições sem sentidos, conseqüentemente são nomes que não possuem significado.

No *Tractatus* o autor sustentava a ideia de que a linguagem possui uma estrutura lógica e essa estrutura se mostra por meio da representação que a linguagem faz do mundo. Dessa forma, a linguagem nada mais é do que um espelho dos fatos do mundo. Sendo assim, o que não existe

² A obra *Tractatus Logico-Philosophicus* será referenciada abreviadamente com a sigla “*TLP*”, seguida respectivamente do número do aforismo citado.

na realidade e o que não pode ser representado logicamente, não deve ser falado, nisso se estabelece os limites e as condições para representar os estados de coisas do mundo. Segundo sua última e célebre frase do livro, “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” (*TLP* 7).

O primeiro Wittgenstein, comumente chamado, nessa busca por investigar a essência da linguagem, afirma que a linguagem é a representação do mundo por intermédio do pensamento e o significado está nos nomes dos objetos simples, sendo eles permanentes. Desta maneira, entende-se que para o autor do *Tractatus* o significado dependia dessa relação entre pensamento e mundo. Logo, derivado do mundo objetivo, conseqüentemente depende de algo externo e das expressões da linguagem para que haja a representação, isto é, a correspondência da relação. Quando uma palavra não continha essa relação, ela conseqüentemente não obtinha um significado. Por isso, os nomes fixos dos objetos simples, eram tão necessários para o sentido da proposição, pois eles garantiam o significado dos signos da nossa linguagem.

Nessa teoria do significado da primeira fase do autor, a realidade factual era indispensável, pois nela estava contido o estado de coisas possíveis do mundo, para que então o pensamento as representasse, como uma fotografia da realidade. O pensamento se mostrava como figuração lógica dos fatos, ou seja, nele estava contendo as possibilidades das situações que ele pensa. Na relação entre linguagem e mundo é que então se encontrava o significado dos enunciados.

Por conseguinte, o autor abandona esse projeto que vislumbrava a linguagem como sendo uma estrutura lógica representando a realidade, pois, a representação sempre depende de algo exterior à proposição para lhe atribuir significado. Ademais, em nossa maneira de usar a linguagem, não é preciso que essa realidade objetiva externa se apresente para que nossa linguagem contenha sentido. Wittgenstein percebeu, assim, que um sistema – ainda mais um sistema lógico – não deve determinar o que pode ou não ser expresso com sentido em nossas palavras da linguagem, da mesma maneira que esse sistema não comporta tudo o que é chamado de linguagem.

Por isso, quando inicia as *Investigações* no §2 ele diz: “Aquele conceito filosófico de significado se acomoda bem em uma representação primitiva do modo como a linguagem funciona”, nisso observa-se uma crítica a sua obra de estreia, na qual o conceito de significado se apoiava nos nomes dos objetos, afirmando por meio dessa citação o limite da nomeação de objetos para o conceito de significado, pois esse atinge sua fronteira ao lidar com uma linguagem mais elaborada/sofisticada.

1.3 O significado como uso

Ao expor e investigar a citação de Agostinho, se tem um excelente ponto de partida tanto para reavaliar suas ideias iniciais, quanto para trazer uma nova luz, enxergando melhor todos os entraves da linguagem. Ele mesmo, no prefácio das *Investigações* diz,

Há quatro anos, porém, tive ocasião de reler meu primeiro livro (o *Tractatus Logico-Philosophicus*) e explicar seus pensamentos. Então subitamente me pareceu que eu deveria publicar aqueles antigos pensamentos em conjunto com os novos: que estes só poderiam se mostrar sob a luz correta por meio do contraste com e sobre o pano de fundo de meu antigo modo de pensar. (Wittgenstein, 2022, p. 18)

Nesse trecho, o próprio Wittgenstein reconhece a diferença de suas duas obras e aponta a necessidade de enxergar, sob uma luz que clareia corretamente, todos esses entraves de nossa linguagem.

O contraste com seu antigo modo de pensar se mostra, pois, a investigação que ele se propõe a realizar perscruta a natureza do mesmo objeto de investigação, a saber, a linguagem. No *Tractatus* ele se preocupava em descobrir a essência da linguagem e seus limites, enquanto nas *Investigações* ele abandona essa investida, dado que, aponta que a linguagem não possui nada oculto que precisa ser descoberto e sim que possui um funcionamento que precisa ser compreendido para não mais cair no enfeitiçamento que a linguagem acomete.

A busca por compreender esse funcionamento serve como fio condutor em sua análise da linguagem nas *Investigações*. Naquela operação da linguagem citada na seção 1.1, entre o construtor e seu ajudante, nota-se que é atribuída à linguagem uma característica de utilidade primária, visto que, se trata da descrição de seu funcionamento no cotidiano para o fim de se comunicar mutuamente, sendo necessário que aqueles operadores da linguagem entendam a funcionalidade dela para que a executem com êxito em seu cotidiano. Essa utilidade atribuída à linguagem aponta para seu funcionamento diário e o autor serve-se da analogia da caixa de ferramentas (*IF* §11), para nos apresentar a maneira que a linguagem atua.

Ele nos diz que cada objeto de uma caixa de ferramentas possui sua função específica, igualmente as palavras da linguagem, sendo útil saber o emprego de cada uma dessas palavras. Contudo, as palavras da linguagem mesmo sendo distintas uma das outras e possuírem empregos específicos elas compartilham de uma certa semelhança. Wittgenstein irá comparar com uma

cabine de locomotiva, onde estão alavancas muito parecidas entre si. Essa aparência explica-se pelo fato de que todas devem ser operadas com a mão, mesmo que cada uma sirva a uma função distinta e específica (*IF* §12).

No entanto, aí se apresenta uma confusão, por causa da aparência dessas ferramentas – das palavras da linguagem. No mesmo sentido que são distintas as funções das ferramentas – um serrote de um martelo, por exemplo –, são distintas as funções das palavras. Porém, a distinção contém semelhanças e são elas que nos confundem, ele diz, “o que nos confunde é a uniformidade de sua aparência quando as palavras nos são faladas ou nos aparecem na forma escrita ou impressa. Pois seu emprego não se põe tão claramente diante de nós.” (*IF* §11)

O emprego, desta forma, ganha lugar de destaque nesse momento, uma vez que, é ele que conduzirá a diferença entre uma e outra palavra. Nisso, nota-se, que a maneira pela qual as palavras são utilizadas possibilita a compreensão de seu emprego. E é nesse instante que o conceito do significado das palavras muda drasticamente para o autor. Desta forma, para o segundo Wittgenstein, o significado das palavras de nossa linguagem revela-se no uso que é feito delas:

Para uma *grande* classe de casos em que é utilizada – embora não para *todos* os casos – pode-se explicar a palavra “significado” da seguinte maneira: O significado de uma palavra é seu uso na linguagem. E o *significado* de um nome é explicado, às vezes, ao se apontar para seu *portador*. (*IF* § 43)

Em sua segunda fase, ele distancia-se da ideia de que o significado das palavras estava localizado em nomes, sendo comum a todos os usos que se faz de determinada palavra.

Quando o autor estabelece que o significado de uma palavra está no uso dela em determinada situação, nossa compreensão da linguagem é aumentada. Uma mesma palavra não apenas representa algo no mundo e se limita a tal, mas pode-se usar a mesma palavra para diversos empregos, segundo ele: “*Nós* reconduzimos as palavras de seu emprego metafísico novamente a seu emprego cotidiano” (*IF* § 116). Wittgenstein confere valor ao uso da linguagem em nossa vida cotidiana, pois é ali que os termos da linguagem são criados, desenvolvidos, alterados e reproduzidos.

Desta forma, torna-se indispensável indagar os contextos de prática dos termos da linguagem. Por esse motivo, a metáfora que o autor dispõe para discorrer sobre o significado – uso – em sua obra é a de *jogos de linguagem*, criando, assim, um conceito central em sua filosofia. Esse novo conceito funciona excepcionalmente, pois existe uma diversidade de jogos, no mesmo

sentido que existe uma diversidade de formas de usar a linguagem. Cada jogo contém seus cenários próprios para serem devidamente executados, da mesma forma que as palavras em seus contextos. A analogia do jogo reflete, assim, a possibilidade de compreender os diversos contextos dos usos das palavras.

Ademais, entre os jogos é possível verificar determinadas semelhanças, contudo, cada jogo é dependente de suas regras específicas. Usar palavras é equivalente a jogar jogos. Dessa maneira, é possível que uma palavra só sirva para um jogo específico na mesma proporção que uma palavra pode possuir muitos empregos em diferentes jogos. Como a caixa de ferramentas que contém muitas ferramentas com funções específicas, existindo uma familiaridade entre elas, mesmo que cada uma sirva a determinado objetivo próprio.

Portanto, dado que, no §7 o autor nos adverte que chamará toda atividade realizada com a linguagem de “jogos de linguagem” – “Também chamarei de ‘jogo de linguagem’ o todo da linguagem e das atividades com as quais ela está emaranhada.” – e que no §43 ele estabelece que “O significado de uma palavra é seu uso na linguagem.”, podemos concluir que, o significado de uma palavra é seu uso no interior de um jogo de linguagem, uma vez que, esse jogo é um acordo entre os operantes daquela linguagem, conforme exposto na seção 1.1. O papel das regras no interior de um jogo de linguagem é fundamental, tanto pela natureza do próprio jogo tornar indispensável as regras quanto pelo fato delas orientarem as ações dos jogadores, por assim dizer. A nova teoria do significado, que o “segundo Wittgenstein” nos apresenta, transporta consigo a importância da compreensão de outros conceitos, como, jogos de linguagem, regras e forma de vida, pois, eles estão diretamente ligados a todo enlace do ato de usar as palavras em nossa linguagem.

Capítulo 2: Jogos de linguagem, regras e forma de vida

À medida que foi estabelecido que o significado de uma expressão da linguagem está contido em como determinada expressão é usada no interior da linguagem, se torna necessário compreender de que forma acontece esse uso. O autor das *Investigações* apresenta a comparação que ele faz entre a atividade da linguagem com a atividade de jogar jogos. Essa comparação introduz a metáfora dos chamados *jogos de linguagem*, que se torna um conceito central da segunda fase do pensamento de Wittgenstein. Desta forma, compreender como acontece o uso da linguagem está diretamente associado à compreensão dos jogos de linguagem.

A ideia que Wittgenstein apresenta ao comparar a atividade da linguagem como sendo igualmente a atividade de jogar, abre possibilidades para entender os mecanismos que acompanham o ato de usar a linguagem. Junto a isso é preciso entender o que conseqüentemente é necessário para que essa metáfora dos jogos de linguagem funcione. Necessita-se, assim, pensar em um contexto e em suas regras, além de refletir sobre a pressuposição anterior à utilização da linguagem, isto é, a forma de vida dos que a utilizam como instrumento para comunicar. A linguagem, portanto, antes de ser pensada e analisada é em sua origem um meio de desenvolvimento da vida dos seres humanos, pois sua função é comunicar (transmitir informações), expressar (sentimentos, desejos), criar (conceitos que moldam a vida), explicar (fenômenos, ideias, conceitos), descrever (o mundo e seus fenômenos) e direcionar (influenciando e ordenando).

Neste capítulo serão analisados os conceitos de jogos de linguagem, regras e forma de vida. Reconhecendo estes como um pressuposto indispensável na atividade do uso da linguagem. Deste modo, a análise inicia-se a partir do motivo pelo qual a metáfora do jogo se encaixa com êxito para clarificar a ação do uso da linguagem, visto que, essa ação compartilha de características semelhantes às características dos jogos. Em seguida, será clarificado o entendimento do papel que as regras exercem dentro do limite dos jogos de linguagem como condição necessária e por qual motivo elas são importantes de serem apreendidas pelos jogadores. Por fim, será percebido que toda a compreensão do funcionamento da linguagem só se torna possível porque existem formas de vida que foram percebidas e analisadas em sua prática e de lá extraídas todas as ideias, conforme o autor apresenta em sua obra. As formas de vida, então, são compreendidas como a origem de toda a teoria, pois são indispensáveis para pensar e compreender os múltiplos modos da linguagem

estar no mundo como um ato realizável da vida humana, até mesmo porque, sem elas a própria linguagem não existiria.

2.1 Jogos de linguagem

Sob a defesa da tese de que a origem dos problemas filosóficos na realidade está na má compreensão que se tem da linguagem, Wittgenstein permanece afastado durante um longo período da produção filosófica, acreditando ter resolvido os problemas fundamentais da filosofia por intermédio do esclarecimento acerca da essência da linguagem apresentado no *Tractatus*. Para ele, uma vez solucionado a relação da linguagem com o mundo, esses pseudoproblemas se dissolveram.

Em sua segunda fase, o autor nota que seu antigo pensamento sobre a linguagem necessitava de uma espécie de metafísica para se manter em pé. Isso acontece, por conta da estrutura que a linguagem deveria declaradamente ter para dizer algo com sentido, uma vez que, no *Tractatus* o significado se ancorava em nomes simples, ou seja, em uma relação de referência: nomes, então, significariam objetos.

Porém, essa metafísica que sugere uma estrutura fixa e imutável do mundo, para que a teoria da linguagem funcione, é totalmente abandonada pelo Wittgenstein das *Investigações*. E como diz Marcondes, “A linguagem não se define mais por sua relação com a realidade, nem a verdade é mais entendida como correspondência entre a linguagem e a realidade”. (Marcondes, 2007, p. 275)

O autor retorna, assim, seus estudos e reflexões sobre essa ferramenta indispensável na vida humana, voltando sua atenção para percepção do funcionamento da linguagem, constatando como sua primeira abordagem referente a linguagem era insuficiente e ilusória. O conceito de jogos de linguagem, é então, introduzido na concepção tardia que Wittgenstein adquire e que diz sobre a maneira correta de investigar a linguagem. Essa maneira organiza o que estava ali e busca a proteção do feitiço que a linguagem joga em nós, conforme o filósofo, “Os problemas são resolvidos não pela introdução de uma nova experiência, mas pela organização daquilo que há muito tempo nos é familiar. A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento por meio de nossa linguagem.” (*IF* § 109)

À vista disso, abre-se lugar para uma nova maneira de conceber a linguagem, na qual a ilusão metafísica anterior sucumbe e passa-se a considerar os fenômenos determinantes envolvidos

na linguagem para conhecer sua finalidade e seu propósito, nas palavras do autor, “A neblina se dissipa quando estudamos os fenômenos da linguagem [...] nos quais podemos obter uma visão panorâmica, clara, acerca do propósito e do funcionamento das palavras.” (*IF* §5). Deste modo, os fenômenos da vida comum assumem lugar de destaque na investigação do funcionamento da linguagem.

O conceito de jogos de linguagem que Wittgenstein desenvolve pela primeira vez nas *Investigações*, serve como uma espécie de lupa, pela qual se estende o panorama e se obtém uma nova perspectiva para compreensão da funcionalidade da linguagem. O jogo de linguagem, seria então, toda e qualquer atividade relacionada ao ato de usar a linguagem de alguma forma.

Podemos também imaginar que todo o processo de uso das palavras em (2)³ é um daqueles jogos por meio dos quais crianças aprendem sua língua materna. Quero chamar esses jogos de ‘jogos de linguagem’, e falar de uma linguagem primitiva, às vezes, como de um jogo de linguagem. E também se poderiam chamar de jogos de linguagem os processos de nomeação dos materiais e de repetição das palavras ditadas. Pense nos vários usos que se fazem das palavras nos jogos e brincadeiras de roda. Também chamarei de ‘jogo de linguagem’ o todo da linguagem e das atividades com as quais ela está emaranhada. (*IF* §7)

Nesse excerto, Wittgenstein chama a atenção para a variedade de possibilidades em que se usa as palavras da linguagem, como, aprender uma língua materna, nomear materiais e repetir palavras. Com isso, ele serve-se do conceito de jogo de linguagem para abarcar toda espécie de uso da linguagem: “chamarei de ‘jogo de linguagem’ o todo da linguagem e das atividades com as quais ela está emaranhada.” (*IF* §7). Quando a linguagem é comparada com a ação de jogar, o ambiente se altera e torna-se possível desmistificar a noção do que seria a linguagem, pois, a abstração anterior da lógica formal cede lugar para a metáfora do jogo que é mais palatável e acessível.

Visto que, o ato de jogar e o ato de usar a linguagem é comum aos seres humanos, pode-se identificar semelhanças entre essas duas ações. Segundo Hans-Johann Glock afirma em sua obra *Dicionário Wittgenstein*: “a função principal [da analogia] é chamar atenção para as várias semelhanças entre linguagem e jogos, [...] O ponto de partida [...] é que a linguagem é uma atividade guiada por regras.” (Glock, 1998, p.225). Tais semelhanças fundamentais seriam: multiplicidade, dinamismo e regra:

³ Esta menção “(2)” é referente a linguagem que Wittgenstein solicita a imaginação do leitor no fragmento §2 e pode ser conferida no primeiro capítulo deste trabalho (p. 14).

(i) Multiplicidade: dado que, os jogos são incontáveis, igualmente é a diversidade de usos que se realiza com a linguagem; (*IF* §23)

(ii) Dinamismo: com que surgem os jogos e outras vezes desaparecem caindo no esquecimento, por não serem mais jogados ou úteis, com isso a linguagem aparenta com os jogos, pois é viva e está constantemente em movimento; (*IF* §23)

(iii) Regra: por ser uma convenção necessária para que o jogo funcione e como algo intrínseco à natureza do jogar, logo igualando-se à linguagem que condiciona seus usuários ao pragmatismo convencional do uso das expressões da linguagem. (*IF* §81)

O conceito de jogos de linguagem revela que a linguagem é uma atividade cotidiana, dinâmica, diversa, com contexto em diferentes práticas sociais, e por isso, de carácter comunitário. Desta forma, o significado das palavras se situa no interior dos jogos de linguagem, pois é no uso que se constituem, passando a importar o contexto, isto é, as situações na qual as palavras são empregadas para que o significado seja conhecido. Sendo assim, cada expressão da linguagem pode ter significados distintos em diferentes contextos. O significado não é mais determinado, fixo e formalmente imutável, passando a ser encontrado dentro de um jogo de linguagem.

A importância desse elemento é central, pois até mesmo dentro de jogos que não é possível saber ao certo o significado de determinado termo, quando se analisa a situação em que o mesmo está sendo empregado, torna-se provável compreendê-lo. Da mesma maneira o inverso, determinado termo usado em um contexto no qual esse termo não se encaixa, torna-se um termo sem significado. Por exemplo, dizer “meus sentimentos são retangulares”, com isso eu não disse nada significativo. Conforme Wittgenstein diz “O que acontece agora tem significado – nesse contexto. O contexto lhe dá sua importância.” (*IF* §583). A análise passa a considerar o contexto, porquanto somente dentro deste torna-se praticável conhecer o significado das expressões.

Portanto, na medida que se entende a linguagem como uma atividade, desfaz-se a ideia de permanência e fixidez na representação de um termo, visto que, a atividade é uma ação, ou seja, um movimento. A metáfora dos jogos de linguagem serve para examinar e explicar os diversos usos que se faz da linguagem. Examinar, no sentido que a analogia atribui um limite para a investigação, dado pelo contexto dos praticantes daquele determinado jogo. E explicar, pois, trabalhando dentro dessa circunscrição realizada pelo contexto, se pode entender como os termos operados funcionam. O significado, assim, torna-se múltiplo ou único, a depender do jogo (do

contexto), isso faz a investigação ser mais precisa, pois não universaliza as expressões da linguagem e valoriza o movimento que existe na origem da linguagem.

2.2 Regras

Concomitantemente ao falar sobre jogos, se pensa em regras, esses termos são correlatos entre si. A discussão sobre as regras tem seu lugar de destaque nas *Investigações*, por serem compreendidas como condição necessária aos jogos. Deste modo, Wittgenstein se prolongou em discorrer sobre esse assunto, que traz consigo muitas dúvidas quando observado nas proximidades da prática dos jogos de linguagem.

Nos jogos, as regras são determinantes para limitarem o que pode ou não ser feito (uso correto e uso incorreto) e para demonstrarem como o jogo deve ser jogado, além de, algumas vezes, deliberar sobre o resultado. No entanto, nos jogos de linguagem esse entendimento de que a regra determinaria o uso dos termos fica movediço em virtude da natureza da linguagem humana ser viva, isto é, um instrumento útil para dizer sobre a vida de seus usuários, com suas particularidades e suas intenções sempre em constante mudança. Desta forma, será que as regras no jogo do uso da linguagem são determinantes? A resposta a essa questão será respondida nos parágrafos abaixo.

Os jogos de linguagem se localizam sempre dentro de um contexto, ou seja, com suas convenções de uso. Logo, essas regras podem falar sobre a forma de uso dos termos, como também podem dizer sobre a forma como as pessoas daquele contexto específico usam os termos. Existindo, portanto, as regras dos termos e as regras dos contextos. Entende-se, assim, que uma regra que serve para um termo específico pode se alterar em contextos diferentes.

Sobre a concepção que constantemente se faz sobre as regras serem determinantes para os jogos de linguagem, Wittgenstein aponta que o funcionamento das regras não é assim, pois é possível haver dúvidas sobre as regras, logo, se elas fossem absolutamente determinantes, essas dúvidas não existiriam. Outra questão que surge é a de que em nossa prática cotidiana do uso da linguagem as regras não são totalmente executadas como uma condição necessária para o emprego dos termos da linguagem, pois o que se observa é o uso da linguagem ocorrendo e as regras se alterando. Da mesma maneira acontece no exemplo que o autor apresenta sobre um jogo de bola:

Podemos muito bem imaginar que pessoas estivessem se divertindo em um campo jogando com uma bola, e de tal maneira que elas começassem diversos

jogos conhecidos mas, em alguns casos, não os jogassem até o fim; e, no meio-tempo, lançassem a bola aleatoriamente para o alto, se perseguissem umas às outras com a bola, atirando-a de brincadeira etc. E então alguém diz: Durante todo esse tempo, as pessoas estão jogando um jogo de bola e, portanto, se orientam, a cada lance, segundo regras determinadas. E será que também não há o caso em que jogamos e – ‘make up the rules as we go along’?⁴ E até mesmo aquele em que as alteramos – as we go along⁵. (*IF* §83)

Quando Wittgenstein escreve “jogos conhecidos” se subentende que as regras são conhecidas de todos os jogadores, no entanto, ele descreve que esses jogadores não terminam os jogos, ao passo que, o objetivo de cada jogo não é cumprido, alterando-se a cada momento a maneira de jogar a bola. Os termos “aleatoriamente” e “de brincadeira”, demonstram essa falta de compromisso em cumprir a determinação que supostamente as regras teriam. Emerge assim, a indagação que o autor insere sobre os casos em que “inventamos as regras à medida que jogamos?” e até mesmo as alteramos “enquanto seguimos” no jogo.

Desse modo, para a pergunta “será que as regras no jogo do uso da linguagem são determinantes?” A resposta dada por Wittgenstein no parágrafo seguinte às reflexões que ele propõe no §83 é: “Eu disse, a respeito da aplicação de uma palavra: ela não está delimitada em toda parte por regras.” (*IF* §84), sendo assim, fica claro que no uso da linguagem, embora constituído de regras que apontam uma direção, essa direção não está delimitada em “toda parte por regras”.

O limite na verdade não está rigidamente estabelecido, as regras apontam sim a direção, mas isso não significa que acaso um limite seja ultrapassado o uso do termo perde seu significado. Pois, o uso efetivo da linguagem cotidiana não oferece lugar para o ideal de exatidão do uso das regras. Wittgenstein diz: “isso causa tão pouco dano ao seu uso quanto aquele causado a uma mesa por ter quatro pernas em vez de três, a qual, por esse motivo, balança em certas circunstâncias.” (*IF* §79). Acaso as regras fossem entendidas como determinantes, haveria uma regressão para o pensamento inicial do autor, pois a regra se tornaria uma condição da mesma maneira que o objeto fixo o era para que as palavras constituíssem significado. Porém, o que Wittgenstein apresenta nas *Investigações* se torna um novo método para compreender a linguagem, visto que, essa acontece no cotidiano da vida humana. Logo, é nesse mesmo cotidiano que se deve observar o

⁴ *Em inglês no original: “Inventamos as regras à medida que jogamos”. (N.T.)

⁵ “Enquanto seguimos”, (tradução própria).

funcionamento da linguagem, para que as ilusões potenciais dos termos não exerçam em nós o feitiço que exerceram na análise realizada no *Tractatus*.

Quanto às dúvidas possíveis que podem surgir ao se expressar uma regra, Wittgenstein apresenta no §85 a analogia da placa que indica o caminho, indagando a possibilidade de haver dúvidas em aberto quanto ao caminho que se deve percorrer mesmo que a placa aponte esse caminho. Dúvidas como, “Mas onde está dito em que sentido tenho de segui-la; se na direção para a qual ela aponta ou (por exemplo) na direção contrária?” (*IF* §85). O autor segue a indagação acrescentando o pedido para que se retorne no exercício imaginativo de uma linguagem primitiva (apresentada no capítulo 1) entre os construtores, no entanto, com algumas alterações. A alteração seria que, os construtores obtivessem uma tabela com figuras das palavras lado a lado. E que fossem ensinados a lerem de uma determinada forma, isto é, horizontalmente. Contudo, ele pede para imaginar que foi “introduzida diferentes maneiras de ler a tabela”, necessitando, desta forma, de novas regras para a leitura dessa tabela. Conforme Wittgenstein apresenta:

A tabela é, assim, uma regra pela qual ele se orienta ao executar as ordens. – Aprende-se a procurar uma imagem na tabela por meio de um adestramento, e parte desse adestramento consiste, por exemplo, em que o aluno aprende a deslizar o dedo da esquerda para a direita, horizontalmente, na tabela; portanto, que ele aprende a traçar, por assim dizer, uma série de linhas horizontais. Imagine, agora, que fossem introduzidas diferentes maneiras de ler uma tabela; [...] Será que agora não conseguimos imaginar novas regras para explicar essa regra? (*IF* §86)

Com a analogia da placa na estrada e com o exercício imaginativo das tabelas, Wittgenstein chama a atenção do leitor para a possibilidade de dúvidas de maneiras distintas. i) Com o caso da seta no caminho, abre-se dúvidas para o que não é explicado explicitamente com a regra. Ou seja, a regra não diz se devo ir em direção ao que a seta aponta ou se devo ir em direção contrária; ii) com o caso da tabela, as dúvidas surgem, pois, alterações acontecem na maneira, até então única, de se usar a tabela, implicando a necessidade de novas regras. Ou seja, antes da tabela ser acrescida com um esquema de leitura, era sabido por intermédio do adestramento do ensino que a regra de leitura era deslizar os dedos horizontalmente, contudo, com a alteração se tornou possível, por exemplo, deslizar os dedos nas diagonais.

Para que essas dúvidas sejam clarificadas se faz necessário explicações acerca do uso correto das regras. No entanto, essas explicações podem não ter fim, a depender do conteúdo das expressões, pois outras dúvidas podem surgir, levando a uma regressão infinita. A solução que o

autor oferecerá é que “nenhuma explicação carece de outra – a não ser que nós necessitemos dela para evitar um mal-entendido.” (*IF* §87). Dessa maneira, evitar um mal-entendido é um guia para dizer quando outras explicações se fazem necessárias.

A tabela não estava incompleta sem o esquema de leitura, pois na prática cotidiana ela era lida horizontalmente. Sendo assim, se foi acrescentado um esquema de leitura posterior, somente nesse momento se faz necessário novas explicações. Semelhantemente o caso da placa, que diz sobre a possibilidade de seguir em frente. Caso ocorram dúvidas como a de ir em diante ou retornar ao caminho contrário, essas explicações, nesse caso, não são necessárias, pois na prática cotidiana, o objetivo da placa é indicar a possibilidade de caminho. Logo, a dúvida em seguir ou retornar diante de uma placa indicando o caminho, é um mal-entendido imaginativo, e sobre isso Wittgenstein dirá: “Uma explicação serve para afastar ou para evitar um mal-entendido — um mal-entendido, vale dizer, que surgiria sem a explicação; mas não: qualquer mal-entendido que eu possa imaginar.” (*IF* §87).

Portanto, as regras não são determinantes nos jogos de linguagem, dado que seu escopo está na prática cotidiana. Prática essa, que se altera e junto a ela as regras, ao mesmo tempo em que se pode constituir regras ao viver a vida. No caso das dúvidas elas só precisam ser esclarecidas quando elas causarem mal-entendidos, pois em circunstâncias normais, como a das práticas cotidianas, elas geralmente cumprem seu propósito. Conforme o filósofo: “Está tudo em ordem com a placa indicando o caminho, – caso ela, em circunstâncias normais, cumpra seu propósito.” (*IF* §87).

2.3 Forma de vida

O termo “forma de vida” aparece, explicitamente, poucas vezes nas *Investigações*. No entanto, a obra completa é repleta de interpretações que apontam a plausibilidade do uso desse termo em outros lugares do texto de Wittgenstein. Isso se apresenta, porque o termo é abrangente, conforme Glock, “O uso que Wittgenstein faz do termo enfatiza [...] o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem.” (*Ibidem*, p. 173-4). Desse modo, a forma de vida pode ser entendida como o local no qual o jogo de linguagem está inserido em um contexto específico que utiliza a linguagem para se comunicar.

Em sua análise o autor parte da observação e reflexão dos fenômenos da vida cotidiana dos falantes da linguagem, buscando entender na prática de seus comportamentos a maneira pela qual

a linguagem funciona, segundo Wittgenstein: “O que oferecemos, na verdade, são observações acerca da história natural do homem; mas não curiosidades, e sim constatações de que ninguém duvidou, e que só passam despercebidas por estarem constantemente diante de nossos olhos.” (*IF* §415). Pode-se constatar que da forma de vida origina-se a linguagem, pois a vida é anterior à linguagem, e que existem diversas formas de vida, uma vez que, há várias maneiras de se comunicar por intermédio da linguagem, segundo o filósofo, “imaginar uma linguagem significa imaginar uma forma de vida.” (*IF* §19)

Esse termo é importante, pois ele também valoriza o aspecto individual de cada comunidade: “uma forma de vida é uma formação cultural ou social, a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos os nossos jogos de linguagem.” (*Ibidem*, p. 174). Cada falante da língua de uma comunidade precisa aprender a fazer o uso das palavras para jogar os jogos específicos daquele grupo. Sendo assim, os jogos de linguagem operam no interior de uma forma de vida e o significado das expressões, além de necessitar dos jogos e suas regras, necessitam também estarem inseridos em uma forma de vida, pois é ali que eles se constituem.

O significado então adquire um aspecto não sistemático da linguagem contido dentro da forma de vida. Até o momento, foi discorrido sobre linguagem condicionada a forma verbal e escrita com seus jogos e suas regras, contudo, o aspecto que parte do não dito e não escrito ainda não foi explorado. A forma de vida, porém, proporciona esse exame no qual pode-se perceber que as coisas também adquirem significados por meio de observações, sensações, intuições. Enriquecendo, desta maneira, a linguagem significante, ao mesmo tempo sendo indispensável essas ponderações, para que a compreensão das práticas sociais não fique limitada ao que é escutado ou lido, mas nelas seja considerado os aspectos além do sistema que a linguagem majoritariamente opera.

Para que a linguagem funcione é preciso que ocorra uma espécie de adestramento de seus usuários e isso acontece dentro da forma de vida. Até certo ponto, a forma de vida precisa ser estável, isto é, regular e comum a todos que compartilham aquela linguagem, pois isso faz com que a base da linguagem esteja segura, sendo possível que se desenvolva e que novos usuários sejam treinados a empregarem as palavras de maneira significativa. Conforme o filósofo:

Eu digo uma frase: “Que dia bonito hoje”; mas as palavras certamente são sinais arbitrários – coloquemos então, no lugar delas, estas: “a b c d”. Mas quando leio isso agora, não consigo, sem maiores considerações, associar a elas o sentido acima. – Não estou acostumado, eu poderia dizer, a falar “a” em vez de “que”,

“b” em vez de “dia” etc. Mas com isso não quero dizer que não estou acostumado a associar imediatamente “a” à palavra “que”; na verdade, não estou acostumado a usar “a” no lugar de “que” – portanto, com o significado de “que”. (Eu não domino essa linguagem.)

(Eu não estou acostumado a medir temperaturas em graus Fahrenheit. Por isso, indicações de temperatura desse tipo não me ‘dizem’ nada.) (*IF* §508)

Nessa citação, mesmo que o autor chame a atenção para o fato de que os sinais da linguagem são arbitrários, ele identifica uma relação de familiaridade entre o uso dos sinais e o sentido a eles atribuído. Essa relação que faz com que os signos da linguagem tenham significado, só existe porque os usuários foram acostumados, isto é, adestrados a empregarem esses sinais de determinada maneira. Aqui, a forma de vida não permitiu o uso do sinal “a” no lugar de “que”, porém, isso não quer dizer que possa existir outra forma de vida que faça esse uso de sinais. O treinamento é crucial para se desenvolver a habilidade do uso da linguagem e isso acontece dentro de uma forma de vida.

Por fim, a forma de vida elimina de uma vez por todas a interpretação de que o significado das palavras seria universal. Evidenciando como universal apenas os aspectos que estão além da linguagem enquanto um sistema, isto é, a capacidade de observar, sentir e intuir, comuns a todos os seres humanos, conforme Marcelo Carvalho, comentador das *Investigações*, “A linguagem se revela como linguagem humana, constituída em meio às ações humanas.” (Carvalho, 2022, p. 364). Na posse dessas capacidades, torna-se possível diversificar o uso das palavras, uma vez que “Não há nada de essencial à forma de estruturação da linguagem que impeça, por exemplo, que determinado povo utilize perguntas e respostas em lugar de afirmações” (*Idem*), pois o objetivo da linguagem é contemplar o querer dizer de cada forma de vida. Dessa forma, esse instrumento – a linguagem – cumpre seu papel primordial: a comunicação.

Considerações finais

A linguagem é um tema caro para a filosofia desde a Grécia antiga. Filósofos incontornáveis na história, como Platão e Aristóteles, naquele período discutiam temas relacionados à linguagem. No século XX, com o protagonismo da filosofia analítica, os estudos filosóficos se desenvolveram por meio da análise do significado das expressões da linguagem. A linguagem tornou-se, assim, ao mesmo tempo, objeto de estudo e método para examinar os problemas de outras áreas da filosofia, como, por exemplo, a epistemologia, a ética e a filosofia da mente.

Somado a isso, o conceito de significado é central para toda e qualquer investigação no campo da linguagem. A compreensão do que os termos da linguagem dizem e apontam é indispensável para o conceito de significado, pois torna dinâmica a investigação, para que ela caminhe adiante em mais direções. À vista disso, esse conceito foi explorado de diversas maneiras no percurso da história, e tradições distintas o têm como essencial em suas teorias.

Neste trabalho, buscou-se explorar o conceito de significado na filosofia de Wittgenstein. Atualmente, quando se estuda a história da filosofia no século XX, o nome do filósofo austríaco aparece em destaque; ele é citado como um dos fundadores da área, em razão da sua grande contribuição para o desenvolvimento e avanço da filosofia analítica. Nossa análise aqui, restringiu-se à elaboração do conceito na obra póstuma do filósofo, a saber, as *Investigações Filosóficas*.

Tínhamos como objetivo expor de que forma o conceito de significado se apresentava nas *Investigações*. Para isso, afirmamos a importância da citação de Agostinho logo na abertura da obra de Wittgenstein. Essa citação estabelece um diálogo que se estende no texto, pois demonstra uma “determinada imagem da essência da linguagem humana” (*IF* §1), essência essa, que relembra sua primeira fase, e nisto, encontra-se o fio que conduz sua investigação.

Esse fio, à medida que conduz, também pode ser entendido como divisor. De um lado, está a ideia inicial do autor a respeito do significado, e do outro, a ideia final. Entendemos a importância desse contraste que os dois lados fazem, primeiro porque o próprio autor escreve sobre isso no prefácio (como citamos na seção 1.1), segundo, pois esse contraste foi evidenciado ao longo de sua análise sobre o conceito, algumas vezes explicitamente. Isso nos levou a retroceder um passo para avançar dois, ou seja, realizamos uma breve explanação (seção 1.2) sobre a primeira fase de Wittgenstein, para que, com isso, pudéssemos ter a visão ampliada dos diversos tons sutis desse

contraste. Logo, notamos o limite imposto pela defesa inicial do filósofo, ao alegar que o significado estava fixo em objetos simples e que a rigorosa lógica formal poderia atestar essa tese.

O retrocesso do passo para trás, foi mais bem compreendido, pois possibilitou ampliar o entendimento e a conclusão na qual o filósofo chega. Conclusão essa, que denuncia o equívoco e a inocência ao se acreditar que o significado das palavras da linguagem – sendo essa um instrumento vivo – poderia ser contido em um objeto fixo, o que, na verdade, é algo contrário ao movimento. Deste modo, na seção 1.3, chegamos ao objetivo central de nosso trabalho. O significado, então, para o Wittgenstein das *Investigações*, estaria contido em como usamos as expressões da linguagem.

Por conseguinte, no capítulo 2, foi analisado como o conceito de significado se desenvolve a partir do uso. Para tal, entrelaçamos três conceitos basilares que explicam as condições necessárias para o uso da linguagem. Sendo eles: i) jogos de linguagem, ii) regras e iii) forma de vida. Tais conceitos viabilizam a linguagem significativa, dado que, o contexto no qual a linguagem é usada se apresenta como um jogo entre os diversos jogos possíveis de se jogarem com a linguagem. Como condição necessária, porém, não determinante, as regras delimitam as possibilidades de uso na circunscrição dos jogos de linguagem.

Por fim, o conceito de forma de vida nos ajuda a responder à indagação, até o momento, em modo de espera. “Como é possível usar esse instrumento [a linguagem] para que ele aja na vida e crie conceitos?” A forma de vida é um conceito usado para dizer sobre a particularidade e diversidades de maneiras em que a linguagem é empregada. Particular, pois como vimos, são nas práticas sociais que os termos adquirem significados; diversos, pois existem incontáveis práticas sociais no mundo.

Sendo assim, Wittgenstein nos alerta sobre o poder da linguagem para criar conceitos e sermos por eles enfeitados, acreditando que a partir deles podemos extrair alguma essência verdadeira. Contudo, também nos orienta, que a força vital da linguagem está em seu uso cotidiano, e que somos nós os empregadores das palavras nesse uso enquanto participamos dos jogos da linguagem, conforme ele afirma no parágrafo §116.

Portanto, a resposta à nossa indagação, guiada pelo pensamento do Wittgenstein das *Investigações*, apontaria para as muitas maneiras de usar esse instrumento, sendo, qualquer uma dessas maneiras, agentes ativos em nossas vidas. No entanto, nos é alertado que os conceitos ao

serem criados merecem atenção redobrada, para que não criem mais confusão do que criaram no passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Tradução: Vilmar Schneider. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CARVALHO, Marcelo. Posfácio às *Investigações Filosóficas*. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução: Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 345-425.

ESTADO DA ARTE. **SEP: Wittgenstein**. Estado da Arte. 10 de setembro de 2020. FILOSOFIA. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/filosofia/sep-ludwig-wittgenstein-ea/>. Acesso em: 13 set. 2024.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução: Helena Martins. Revisão técnica: Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HANH, Hans; NEURATH, Otto; CARNAP, Rudolf. A CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO - O CÍRCULO DE VIENA. Dedicado a Moritz Schlick. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v. 10, p. 5-20, 1986. Disponível em <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/1220>. Acesso em 18 nov. 2024.

JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda; LUNA, José Marcos Gomes de. Wittgenstein e a distinção entre sentido e significado: Uma proposta de leitura do § 556 das *Investigações Filosóficas*. **Veritas** (Porto Alegre), [S. l.], v. 67, n. 1, p. 1-12, 2022. DOI: 10.15448/1984-6746.2022.1.40079. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/40079>. Acesso em: 13 set. 2024.

KENNY, Anthony. **Uma breve história da filosofia ocidental, vol IV**. Filosofia no mundo moderno. Tradução: Carlos Alberto Bárbaro. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MILLER, Alexander. **Filosofia da linguagem**. Tradução Evandro Luis Gomes, Christian Marcel de Amorin, Perret Gentil Dil Maillard. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Linguagem - De Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PESSOA, Fernando. **Obras escolhidas:** Mensagem, Poemas de Alberto Caeiro, Odes de Ricardo Reis, Poemas de Álvaro de Campos / Fernando Pessoa; organização Jane Tutikian. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

SCHWARTZ, Stephen P. **Uma breve história da filosofia analítica:** de Russell a Rawls. Tradução: Milton C. Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

TAVARES, Francisco Renato. **Linguagem e significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein.** 2019. 134 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2019. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus.** Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. [Introdução de Bertrand Russell]. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** Tradução: Marcos G. Montagnoli. Revisão da tradução e apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** Tradução: Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. Posfácio: Marcelo Carvalho. São Paulo: Fósforo, 2022.